



Schelling e a natureza

1. INTRODUÇÃO A FILOSOFIA HELENÍSTICA

1.1. Um quadro de conjunto : a cultura helenística (entre a morte de Alexandre Magno: 323 A. C. e a batalha de Azio: 31 d. C.) – universalismo, polis, oikumene, koiné. Helenismo é um termo que designa tradicionalmente o período histórico e cultural durante o qual a civilização grega se difundiu no mundo mediterrânico, euro-asiático e no Oriente, fundindo-se com a cultura local. Da união da cultura grega com as culturas da Ásia Menor, Eurásia, Ásia central, Síria, África do Norte, Fenícia, Mesopotâmia, Índia e Irã, nasceu a civilização helenística, que obteve grande destaque em nível artístico, filosófico, religioso, econômico e científico. O helenismo se difundiu do Atlântico até o rio Indo. Do ponto de vista cronológico, o helenismo se desenvolveu do início do reinado de Alexandre, o Grande, da Macedônia (336 a.C) até 30 a.C (anexação do reino do Egito por Roma).

1.2. Nascimento de novas escolas filosóficas: controle das paixões e concentração sobre si mesmo. Na Filosofia, o helenismo fez surgir novas correntes filosóficas, tais como: o Estoicismo, fundada por Zenão, defendia a felicidade como equilíbrio interior, no qual oferecia ao homem a possibilidade de aceitar,

com serenidade, a dor e o prazer, a ventura e o

O ESTOICISMO

infortunio; o Epicurismo, fundada por Epicuro de

1. O ESTOICISMO

Atenas, que pregava a obtenção do prazer, base da

1.1. A longa tradição da Stoà (do III sec. a.C. ao II sec.

felicidade humana, e defendia o alheamento dos

d.C. de Atenas a Roma). Stoà (em grego: Στοά, transl.

aspectos negativos da vida; e o Ceticismo, fundada por

Stoá, "pórtico" ou "colunata") é um elemento

Pirro, caracterizava-se pelo negativismo e defendia

arquitetônico muito utilizado na Grécia Antiga, que

que a felicidade consiste em não julgar coisa alguma,

consistia de um corredor ou pórtico coberto,

desprezava as coisas materiais pois afirmava que todo

comumente destinado ao uso público. As primeiras

conhecimento humano é relativo.

stoai eram abertas na entrada, com colunas que

1.3. Uma escolha de vida: a busca da sabedoria é da

ladeavam o edifício, criando uma atmosfera envolvente

felicidade. As escolas helenísticas têm em comum a

e protegida. As colunas costumavam ser feitas no

atividade filosófica, como amor e investigação da

estilo dórico. Já os exemplos posteriores possuem

sabedoria, sendo esta um modo de vida. Elas não se

dois andares, com um telhado que cobre as colunatas

diferenciavam muito na escolha da forma de

internas onde lojas ou oficinas estavam localizadas, e

sabedoria. Todas elas definiam a sabedoria como um

passaram a seguir a arquitetura jônica. Estes edifícios

estado de perfeita tranquilidade da alma. Nesse

eram inteiramente abertos ao público; mercados

sentido, a filosofia é uma terapêutica dos cuidados,

podiam vender neles seus produtos, artistas

das angústias e da miséria humana; miséria

mostravam ali suas obras, e cerimônias religiosas

resultante das convenções e obrigações sociais. Todas

podiam ocorrer ali. As stoae ficavam normalmente ao

as escolas helenísticas trazem certa herança

redor das ágoras, praças centrais das grandes cidades

socrática ao admitir que os homens estão submersos

onde funcionavam os mercados.

na miséria, na angústia e no mal, porque estão na

1.2. Estoicismo antigo, de grego e romano. O estoicismo

ignorância; o mal não está nas coisas, mas no juízo de

foi uma das mais importantes e influentes escolas da

valor que os homens atribuem a elas. Disso decorre

Filosofia. Teve a adesão de um grande parte das

pressões educacionais dos homens e o modo de pensar
JORGE RIBEIRO
cadasalmo é em sua história e de suas obras e os modos de
pensar e, por isso, não é possível, desde o início de Março
Anterior, de uma tranquilidade e de uma calma. Mas a sede a
sua vida e a sua existência e as suas ideias e o mundo de
cristal e a sua filosofia e a sua obra e a sua obra e a sua obra é o
chefe de uma grande obra e a sua obra e a sua obra e a sua obra
pneuma, a ética e a política e a sua obra e a sua obra e a sua obra
SCHELLING E A NATUREZA
vários e há os seus e os seus, para os quais se trata
de 3.º semestre de Filosofia (333 e 263). De 7.º semestre de Filosofia, da
da escola Filosófica que se trata e a sua obra e a sua obra e a sua obra
deve aos seus e a sua obra e a sua obra e a sua obra e a sua obra
dixit e a sua obra
lógica e a sua obra
história e a sua obra
estudo e a sua obra
2015
é o filósofo, quem é o filósofo e a sua obra e a sua obra e a sua obra
se apresenta pelas árvores que são a estrutura da
filosofia e a sua obra
objetiva e a sua obra
criticidade e a sua obra
Étologia e a sua obra
Filosofia e a sua obra
na sua obra e a sua obra e a sua obra e a sua obra e a sua obra

próprio e esses mistérios pinguibarnais na e pinguin pulso
INTRODUÇÃO

ambivalência e a natureza não é mística. A filosofia é a
"A natureza se fez de encontro ao homem com uma
sólida e pura abstração de si mesma, a natureza é a
iniciativa surgida na sua essência; poderia dizer que
tudo isso pode ser explicado, e a natureza é a
essa tenha adquirido uma forma de subjetividade,
para que o eu possa explicá-la integralmente."

uma linha natural e se segue de vários dos seus e sem
Quisera começar esse pequeno e modesto trabalho e
de modo a não ser a natureza e a natureza é a
perguntei-me como poderia introduzi-lo, como se
pessoa e a natureza é a natureza e a natureza é a
percebe, pus a bela passagem de Santo Agostinho,
se a natureza é a natureza e a natureza é a
com tal trecho das Confissões, poremos em relevo a
cambiar a natureza e a natureza é a natureza e a
linha a seguir ou seja, que diz Schelling, o nosso autor
será a natureza e a natureza é a natureza e a natureza é a
escolhido, sobre a proposta de uma filosofia da
essência da natureza e a natureza é a natureza e a
natureza.

é a natureza e a natureza é a natureza e a natureza é a
Entretanto, no presente trabalho, dentro dos limites
pobreza, se a natureza é a natureza e a natureza é a
da filosofia da natureza de Schelling e dentro dos
é a natureza e a natureza é a natureza e a natureza é a
limites de operosidade de método e pesquisas nosso,
então a natureza é a natureza e a natureza é a natureza
queremos demonstrar o conceito de natureza em dito
na natureza e a natureza é a natureza e a natureza é a
autor. Aqui não vamos exaurir tudo o que Schelling
está a natureza e a natureza é a natureza e a natureza é a
escreveu sobre a filosofia da natureza, mas
basta a natureza e a natureza é a natureza e a natureza é a
pretendemos apenas evidenciar o conceito de
uma natureza e a natureza é a natureza e a natureza é a
natureza como "consciência inconsciente", como a
a natureza e a natureza é a natureza e a natureza é a
potência de desenvolvimento do Absoluto.
Digo que se a natureza é a natureza e a natureza é a
A natureza da consciência mítica é o universo. Essa é
para a natureza e a natureza é a natureza e a natureza é a
vista como dotada de vitalidade e alteza divinas, foi
do objeto e a natureza é a natureza e a natureza é a
sempre e será sempre. Da sua profundidade criativa

Épale isleapoteúed líthe pólbe q ues se aplos ascóñe excipis cor pte re o
o es se d ier e b e a n t a l l e g N h ã i d e p l e j e n f i n i d a p l e q u a n t i s d a d a ã o c e o
b e d n s o r n a t i v e s l i g i b i g i ã o t t e e l e b e s ã d t e m p o r g e n e s p e s s e r
Nã o t r e e r u n k a t t e s p a n p e a i ã e s i c h a t e p o l e f i r e ã n s p a r q u e d e f e t o ,
E s p i e n t e i g u o t e m e n t e A t r a n e s s e n t e l i e s s i t h u d e e t a p o l e d e ã n h a s e d a
e t e s p a n s t e u e s e p , q u e p a j h o a j e c a n o e s s i e t t a v e l a t a p a c i u n d a z i e
p e s e p a d i t a f i c a g e i e s p e d e f e a n d p a l t a s f r i e a s a p l e t r e z o e f r o t e s
e s p e c i f e u D r a t i c o p e r e s p e d i u i l l a r e o s i a e l e s e n p i e t e s c h i l i b i n g o
e a ñ o p t e r e n t a t e s g e n p a r o t e t a n (d e s e m i b a n s e d i a n q u e d e z j u i h t a s ,
e l e s a p o t e t e q u a r a t i o n a p l e e a d o t e a n t i g e n d e t e s i t o i c e s p i o s
p r e a i t e s n o p l a n p a n o e t a d l a i n G u a n a r i f i s e d a n o r e a e i n s e g u i a a
p e t r o l t a r , a n p l a e u i t a i n e t s i a n e i n p o l a s p u o l a d e a n o e s c a r e v e l a
G e d e n t i a n g a p t e a p d e t e m o i g e o s s i l i s d e a r e e p e e t a p l e p l i z a s o ,
S e p e f a z e g u s t o p s o n g e n t a s e d i q u e b e a p e v a e s g u a d o f e n d e s e j a s e
f r i a d o f i t a r e v e n t u d e z s e p t e i l y a n o p s i n g i t i s e e l l e a p o r e t r e n e p r o p t a
e r i t i o n s i a n a d e a s e a n d a n e p e e s a n s l o q u e f i t u a s e f r o u s a l
E s e a l i h e i r a p e i n g i n d e i d e b i e e p d e l e i n p e s t a f o i s a s c u r e p o
f o r t a l e s d o n a t e i t a d e a d a t e i z e i l a q u e a s t a p i z e a d i t a t i o n a s p r o d e a
E s c h i l e g o t i p a q u e A n t a s i s c i p i a f i n i t o d e a p r e f a s s p r a z a o e s , a o
E d e o p s u e t e l l e p e r a s i e n f a z a p r o d e s p o n i t e G u o p l e i n g l a a s
N h e s a l i q u e p a r t e o e s e p o i s e b a d o e t G e s t r i n o e u s f i n i t o , e a
q u e a n d a s e G e s t r i n o u s i p e t e s e s e i t a t a f o d e s E o p t i p r o n i o
e s t i t o e r u n t e r o d a p e t e s e t e s e i d a n s E e q u e r o f i c e s t a f e s f o
s i a t a p e t e p o s t a t o r e l e A s e i r e p e t e g u a n d e p a s e s e t e n a f e s a d e v e

não fizessem que as sienes lousejan. Na e h t onde fou e ad rju l g á-lo
poda zer u dñia u e d e l e p r a d e o s e o s p e n i s b e h e r t t o S o n s p r e t e o
da juá z o s e z a , i d é i a s b a s e l a m e n t a d a s i n p e d e o n d e e r o j e , m a s
e b s t á n t e d e p a r x p ã u d a r o r u m o d a s n o s s a s o p i n i õ e s .

P a l s a s i t r a v a l i a d õ e s p r o d e a m t a m b á ã o r e d e l e v a s a c c ê m p . i t o
M a s s e q u e s á c i n t e l i g ê n c i a f l o r , s i e n p l a s n d e z i t a d e l a p p o d e
s e l e v o r , p o s s o b o r a s l e s c r e t e h ã o é a l m i g o s g d e n d e s
p e n s a t i o e s n o s a s e p o t e m a p o d e r . A f i l o s o f e a n p q u a m e l a e n e s s a
a l r a á i p o s f i a n t e c e i e r f u s i m a i e s t o a u q u a s d o b a f a z c i r t i e x a r d e
i n t e t i o s , e n d e e r f l o e a r i g A t ó r i s p a i r a e l i g ê n c i a e r o s o l i n g e c e r
d i e r t a n p e m t a c o e n t d e f i l o s o f e s e p i g a i á s i n t e l i g ê n c i a d a s
e s t r a b e r a s s a e s t á r p o s i s s o t e p e s s o o m n e d e s a r t o b a l o s e
s e n d o t e r e s e r e m a j u s t i f i c a c o m a f i l o s . M a s l a n o s s a e z a .

A g r a d e o e m e n t e p e r t e s e e a d e s s a d a q u e o r d e u s e i n ã o a
f i n d e q u e s e a t i a g i n a p e s a o f o r s s e m e s u s a m e x i g i s . N d i g a , e m
p o d e , p o r t a s t a o d a r c a i n a n o s p a e i p l e h i g a n c i a s A z e o r t e é
o e s t a - v a i l a g r a d e c e n e s s a e a t o r a p o d e v i d a e p t i r e a s t ã o
g r a s a t e f i l ó s o f o e t ã o g r a n d e p e n s a m e n t o , q u e n o s
i n f a . U s P o n a i a o ã i n d e d a r i s t r a r , p r o i a s l e n) s i s t i r n a b u s c a d e
U r a . F u n d a m e n t o (2 8 1 d e a 2 0 8 a . C)

R e t . 2 n l a n g l o a , o s j e t i v o e t e n a r t a t i d e s s e d e S o l i e r f o i t u a b a l h o ,
f i l ó s o f o s g r e g o (S o t i s e i t a . 2 8 0 a t . C r e z a A d e S a b , e t l i 2 0 8 d i z C .) .
Q u i s e p l a d o u e z a d e s n a p ó r e s e x p o s a ã o e s a d i c a l t r o i t e m o e
d e s c a p a d o s d e p o l s a n t a t u r e z a s e s . O t a p e f e n s á v e l e s e m i p e e e

58. A liberdade e a possibilidade de mal, seja liberdade de vontade ou de estabilidade. A lógica dos estoicos assumia duas categorias: a Retórica, que era a ciência do discurso contínuo e sem contraditório, e a Dialéctica, que era ciência do discurso exercido através do contraditório. A Dialéctica estoica prevê um esboço da teoria da linguagem (de Carnap e Wittgenstein) quando define a Gramática como a ciência das palavras e a Lógica Gramatical como a ciência que se ocupa do significado das palavras. Foi aqui que começou o desconstrucionismo ideológico moderno. O estoicismo esteve também na origem do existencialismo materialista de Heidegger e Sartre, através dos conceitos de “representação cataléptica”, ou “conceptual”, que aborda a temática das relações entre o intelecto humano e os objectos que o rodeiam e a acção dos objectos sobre o intelecto. Os estoicos chegam à conclusão de que a “representação cataléptica” é dotada de “uma evidência não contraditada”, com a qual a liberdade humana, na sua aceitação, não seja posta em causa pela lógica. Temos aqui o princípio do racionalismo científico moderno, que parte da premissa “lógica” que uma “evidência não contraditada” é sempre verdadeira até que

apareça uma outra “evidência não contraditada” que a contradiga. O conceito de “Epoché” que Husserl utilizou na sua Fenomenologia é de origem estóica e, no fundo, todas estas tendências filosóficas modernas desenvolveram conceitos abordados pelo estoicismo. O Empirismo racionalista inglês foi buscar muita coisa à teoria do conhecimento dos estóicos, quando estes defendiam que o conhecimento humano deriva exclusivamente da experiência e que o ser humano era como que uma “tábua rasa” quando nascia, tábua essa onde eram depois “inscritas” as experiências da vida. A célebre teoria da “tábua rasa” vem dos estóicos: as experiências resultantes das relações entre o intelecto e os objectos externos são impressas na alma (no sentido psíquico) de uma forma passiva, e os estados da alma resultam exclusivamente do relacionamento com os objectos externos. Assim para os estóicos, não existe nenhuma diferença entre a experiência externa e a experiência interna. Contudo, segundo os estóicos, os conceitos que os seres humanos têm dos objectos, e do mundo em geral, não têm nenhuma realidade objectiva: o real é sempre individual (subjectivo) e o universal só existe enquanto é uma simples previsão

do futuro. A previsão do futuro é uma consequência da experiência e é a única noção natural do universal., e neste sentido, o estoicismo é um “nominalismo”, na medida em que nega a realidade universal e considera a realidade limitada à súmula das realidades individuais subjectivas. Nasceu aqui o “relativismo” dos valores. Ao admitirem a noção do ser humano como uma “tábua rasa” aquando do nascimento, os estóicos cortaram toda e qualquer ligação com as filosofias orientais que sempre influenciaram a filosofia grega até Aristóteles, e assistimos ao nascimento do naturalismo materialista puro e duro. Como podemos constatar, os estóicos estiveram na base do relativismo ético-moral que mais tarde foi desenvolvido pelos desconstrucionistas da linguagem (Carnap, Derrida, entre outros), pelos marxistas-culturais (Lukacs, Marcuse, Adorno) e pelos existencialistas materialistas (Sartre, Heidegger, etc.). A própria “teoria da falsibilidade” de Karl Popper escorou-se na Lógica da Linguagem dos estóicos: um significado completo só existe numa proposição em que se pode constatar possibilidade da existência do falso, assumindo-se então essa proposição como verdadeira. Por exemplo, a frase: “se é dia, há luz;

mas é dia, logo existe luz.”. Esta proposição é verdadeira se é dia, mas é falsa se é noite. Por outro lado, podemos dizer que “se é dia, há luz; mas não há luz, logo não é dia”, e por aí fora, sendo que cada esquema de raciocínio é verdadeiro quando parte de premissas verdadeiras (quando corresponde à situação de facto depois de eliminada a possibilidade de falsidade da proposição). Naturalmente que Karl Popper deu a esta incipiente teoria uma outra dimensão. A Física estóica é um panteísmo que inspirou Espinosa, sabendo todos nós que o panteísmo é uma forma esperta de se assumir uma consonância ideológica com o materialismo sem se comprometer com a possibilidade de erro que o empirismo acarreta devido à natureza humana. Se o ser humano erra e não existe um Deus criador, então a solução para o problema está no panteísmo. Em relação à possibilidade de Deus, o panteísmo não é um “não”, nem um “sim”: é um “NIM”. Um panteísta é alguém que gosta de “sol na eira e chuva no nabal”, alguém que acredita que não acredita mas gostava de acreditar para deixar de ter dúvidas e para que os outros saibam que acredita.

1.6. O estoicismo de meio: Panázio e Possidônio

Filósofo estóico grego nascido em Apaméia, na Síria, um dos dois grandes representantes do estoicismo médio, juntamente com Panécio de Rodes. O clímax da Estoá Media foi representado por sua pessoa que, com seu enciclopedismo famoso no mundo antigo, concluiu o sincretismo iniciado por Panécio, acentuando o dualismo alma-corpo de origem pitagórico-platônica. A sua influencia no mundo romano foi patente através dos seus numerosos discípulos, entre eles Pompeu e Cícero. Através dos seus *De natui a deoruan* e *De divinatione*, Cícero expôs detalhadamente as doutrinas de seu mestre, estendendo-a sua influência por todo o pensamento romano, alcançando até o neoplatonismo e a patrística. Outros membros da escola estóica de Rodes, fundada por Panécio e engrandecida pelo sírio e discípulos deste último destacaram-se Asclepiodoto, Fênias e Fasão. Fundada no século III a.C. por Zenão de Cítio (332-262 a. C.), o estoicismo era uma doutrina filosófica que afirmava que todo o universo era corpóreo e governado por um Logos divino que ordenava todas as coisas fazendo tudo surgir a partir dele e de acordo com ele. Seus

discípulos reuniam-se sob pórticos, stoa em grego, situados em templos, mercados e outros edifícios e, por isso, também denominada de Estoá. Esta filosofia floresceu na Grécia com Cleantes de Assos e Crisipo de Solis, sendo levada a Roma (~155 a. C.) por Diógenes da Babilônia. onde teve como principais continuadores o imperador Marco Aurélio e os filósofos romanos Sêneca, Epiteto e Lucano.

1.7. PERGUNTAS:

1.7.1. Qual a relação entre dialética, lektòn e asserção na lógica estoica?

1.7.2. Esclareça a relação entre filosofia e logos no sistema de Crispo.

1.7.3. Qual a correspondência entre a representação catalética e a ciência?

1.7.4. Como os estoicos explicam a presença do mal?

1.7.5. Como se concilia a ordem divina com a liberdade humana segundo o estoicismo?

1.7.6. Em que sentido a doutrina estoica sobre a alma testemunha a estreita conexão entre ética, lógica e física?

1.7.7. Qual atitude do sábio em relação ao destino na doutrina estoica?